



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

Maria da Glória Alexandre de Lima

**A MODA E A REVISTA FON FON: REPERCUSSÃO NA VIDA DAS MULHERES
ENTRE OS ANOS DE 1910 E 1920**

GUARABIRA-PB

2018

Maria da Glória Alexandre de Lima

**A MODA E A REVISTA FON FON: REPERCUSSÃO NA VIDA DAS MULHERES
ENTRE OS ANOS DE 1910 E 1920**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Licenciatura em História da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do grau de Licenciatura em História.
Área de concentração: História

Orientadora: Professora. Dra. Edna Maria
Nóbrega Araújo

GUARABIRA-PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732m Lima, Maria da Gloria Alexandre de.
A moda e a revista Fon Fon [manuscrito] : repercussão na vida das mulheres entre os anos de 1910 e 1920 / Maria da Gloria Alexandre de Lima. - 2018.
26 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Edna Maria Nóbrega Araújo , Departamento de História - CH."
1. Moda. 2. Comportamento feminino. 3. Transformação feminina. I. Título
21. ed. CDD 391

MARIA DA GLÓRIA ALEXANDRE DE LIMA

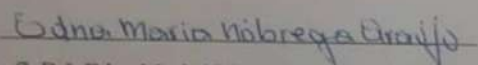
**A MODA E A REVISTA FON FON: REPERCUSSÃO NA VIDA DAS MULHERES
ENTRE OS ANOS DE 1910 E 1920**

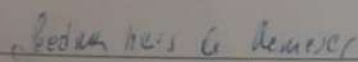
Trabalho de Conclusão de Curso de
Licenciatura em História da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do grau de Licenciatura em História.
Área de concentração: História

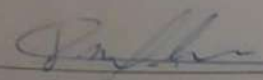
Orientadora: Prof. Dra. Edna Maria Nóbrega
Araújo

Aprovada em: 29/11/2018

BANCA EXAMINADORA


Prof.ª. Dr.ª. Edna Maria Nóbrega Araújo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.ª. Dr.ª. Joedna Reis de Menezes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.ª. Dr.ª. Susel Oliveira da Rosa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

“A moda está presente em nossas vidas desde sempre, e a moda não é somente vestir, mas tudo que nos traga desejo de possuir; ou de viver”. (LIPOVETSKY, Império do Efêmero. 1987).

AGRADECIMENTOS

“Deus escreve certo por linhas tortas”!

Agradeço à Deus por conhecer em meio a essas entre linhas tortas pessoas que me ajudaram a chegar a minha tão sonhada graduação.

Agradeço, imensamente, a minha mãe: Maria do Socorro Alexandre de Lima, pelos conselhos e força em meio a algumas fases de desânimo e também ao meu pai: Severino Januário de Lima, os dois sempre na torcida pela filha formada.

Agradeço aos meus irmãos: Marcelo, Marcondes, Mércia, Andreza e meus sobrinhos: Rubens e Filipe a minha tia Augusta e ao meu cachorro Fofinho grande e fiel companheiro em várias noites de leituras, sempre ao meu lado.

À todos, meu muito obrigado! Que de forma direta ou indireta me ajudaram a chegar a conclusão do curso.

Agradeço a minha orientadora Prof^a. Dra. Edna Maria Nóbrega, por ter sido uma professora amiga e uma orientadora encantadora, pessoa de luz.

Agradeço a coordenação do curso de História, por serem atenciosos e alegres, enfim a cada um professor e professora meu agradecimento especial.

Agradeço aos meus colegas de turma, a sala A8 ficará marcada em nossa memória, construí uma família na universidade e agora todos iram trilhar seus caminhos tortos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Anúncio de um Atelie na Rua Uruguay	15
Figura 2: A fase dos Belle Époque vestidos e chapéus de luxos.....	16
Figura 3: A mulher vestida com roupas masculinizada.....	16
Figura 4: A mulher com roupas e chapéus exagerados para um lanche da Tarde.....	17
Figura 5: Movimento sufragista.....	18
Figura 6: Traje de banho no mar.....	18
Figura 7: - Anúncio de vendas de espartilhos.....	19
Figura 8: Anúncio de venda de Colete.....	20
Figura 9: Os vestidos e saias encurtando e os chapéus menos exagerado.....	21
Figura 10: Anúncios de venda de chapéu da loja O Barateiro.....	22
Figura 11: vestido curto e justo no corpo.....	23

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 O VESTUÁRIO NOS MOMENTOS HISTÓRICOS.....	10
3 MODA, COMPORTAMENTO E MUDANÇA.....	15
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS.....	25

A MODA E A REVISTA FON FON: REPERCUSSÃO NA VIDA DAS MULHERES ENTRE OS ANOS DE 1910 E 1920

Maria da Glória Alexandre de Lima¹

RESUMO

Ao longo do tempo a moda foi se destacando e se tornou uma ferramenta de transformação na sociedade, em especial no universo feminino, deixando de ser uma mera atitude habitual do “vestir” para se tornar um canal de influência e inspiração no comportamento feminino. Surge no começo do século XX, modificações e transformações comportamentais, avanços sociais e diversas tendências que influenciaram o comportamento feminino, um dos principais canais de influência foi certamente a moda, que trouxe consigo mecanismos de mudança, ideias modernas, tendências ousadas para a época e incitou coragem no público feminino. Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo verificar e identificar como a moda influenciou e transformou os hábitos e suas mudanças através do tempo e no comportamento feminino. Foi realizada uma pesquisa na Revista Fon Fon nos anos 1910 e 1920 mostrando as mudanças na moda no Brasil com destaque para a influencia francesa. A pesquisa bibliográfica foi importante para compreensão sobre a moda. Entre os autores discutidos podemos encontrar: Silva, Mesquita, Braga, Lipovetsky, Del Priore, Galvão, etc.

Palavra-chave: Moda; Comportamento feminino; Transformação.

1 INTRODUÇÃO

“A moda que em muitos anos foi relegada à antecâmara das preocupações intelectuais, está por toda parte: nos lares, na rua, na indústria, na mídia” (LIPOVETSKY, 1989, p. 9). A moda pode ser considerada uma representação cronológica do tempo expressa na personalidade dos indivíduos, ela se transformou de acordo com cada período. Segundo Mesquita (2004), “A moda é, sem dúvida, um precioso instrumento dessa construção. A roupa e as imagens de moda estimulam o sujeito a romper limites identitários, a se metamorfosear”.

¹ Aluna de Graduação em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
Email:gloriaalexandre2017@gmail.com.

A moda é o que seu tempo é, revela a História. Sua realização dá-se num incessante fluxo de vertentes sociais, morais, religiosas, artísticas, políticas, e econômicas, científicas, tecnológicas; vetores interligados os quais formam a celebrada cultura de moda instaurada há centenas de séculos na Europa Ocidental. (GALVÃO, 2006, p.135).

O presente artigo tem o intuito de analisar a moda feminina na década de 1910 e 1920 e sua construção social durante o período. Trataremos da busca constante de estar na moda e como as mudanças que a moda oferecia influenciava o comportamento da mulher na medida em que as transformações no vestuário aconteciam as mulheres modificavam seus costumes e comportamento. Ou seja, de que forma a moda possibilitou, contribuiu ou interferiu na constituição de imagens e identidades das mulheres? Como a Mudança da moda interferia no cotidiano das mulheres? Nos dias atuais, estar na moda é um dos objetivos de muitas mulheres, que fazem o impossível para está com o corpo perfeito para usar aquele modelo que tanto desejam. Em outros tempos, isso não foi diferente, houve também os exageros na busca do corpo escultural, em alguns casos chegaram a prejudicar a própria saúde para estar na moda e de acordo com o estilo proposto pela época como era o caso do uso dos espartilhos.

O presente trabalho tem como fonte as imagens da Revista *Fon Fon*. A *Fon Fon* foi uma revista brasileira fundada no Rio de Janeiro em 1907. Seu nome tem relação com o barulho das buzinas de carros em moda na época nas cidades brasileiras.

A moda não é mais um enfeite estético, um acessório decorativo da vida coletiva; É a sua pedra angular. A moda terminou estruturalmente seu curso histórico, chegou ao topo de seu poder, conseguiu remodelar a sociedade inteira a sua imagem: era periférica agora é hegemônica (LIPOVETSKY, 1989, p. 12).

O que é moda?

Etimologicamente a palavra *Moda* vem do latim *modus* significando modo, maneira. No inglês o termo equivalente é *fashion* que significa fazendo ou fabricar. Portanto, originalmente a palavra remete a uma maneira de fazer. “O termo pode ser aplicado em diversos sentidos, como por exemplo, quando se diz “a moda Luiz XV”, “prato à moda da casa” ou ainda “a moda dos políticos é pousar de honesto”. Portanto, cabe especificar que quando nos referimos à moda, estamos designando um termo específico que trata de um sistema próprio de apreensão. Moda pode ser nos sentido dos gostos, costumes, do que está em voga ou ainda aquela manifestada através da indumentária, que também pode ter várias definições. Cabe aqui uma distinção entre indumentária e moda. A indumentária existe desde o homem primitivo que fabricou os primeiros abrigos e agasalhos, a moda não. (SILVA, 2009 p.56)

Ou seja, enquanto a indumentária existe desde o surgimento do homem da terra, a moda não, esta teve um tempo para surgir identificada na história. A moda é um fenômeno moderno e teve início a partir da idade Média

a moda não pertence a todas as épocas nem a todas as civilizações...ela é colocada aqui como tendo um começo localizável na história. Contra a idéia de que moda é um fenômeno consubstancial à vida humano-social, afirmamo-la como um processo excepcional, inseparável do nascimento e do desenvolvimento do mundo moderno ocidental... Só a partir da idade Média é possível conhecer a ordem própria da moda, a moda como sistema como suas metamorfoses incessantes, seus movimentos bruscos, suas extravagâncias. A renovação das formas torna-se um valor mundano, a fantasia exhibe seus artifícios e seus exageros na alta sociedade, a inconstância em matéria de formas ornamentais já não é exceção, mas, regra permanente: a moda nasceu. (LIPOVETSKY, 1989, p. 23).

Ao trabalhar com estas fontes foi possível entender que “à indumentária funciona como parte essencial da existência humana, representando uma maneira de perceber meandros da sociabilidade e possibilidade de apreensão de memórias da vida de muitas mulheres” no começo do século XX (SILVA, 2009, p.09).

“A partir do século XX, a historiografia permite reconhecer o vestuário como fonte/objeto que nos dá acesso às subjetividades dos indivíduos” (SILVA, 2009, p.09). Nesse sentido a historiadora Sandra Jatahy Pesavento (2005, p. 58), comenta: “sensibilidades se exprimem em atos, em ritos, em imagens, em objetos da vida material, em materialidades do espaço construído . Desta forma, o estudo das revistas *Fon Fon* revela-se como subjetividades e sensibilidades das “histórias de vidas” das mulheres do século XX. Desta forma a moda pode ser percebida como importante fonte para o estudo da história.

A relevância da contribuição para história da sociedade e da vida cotidiana que pode advir do estudo das roupas é evidente. Igualmente evidente é a contribuição que a reconstrução dessa história pode proporcionar aos interessados por economia e, em particular, pela produção artesanal e pelo consumo [...]. A iconografia é útil, nesse como em outros casos, para identificar os modelos seguir sua evolução e perceber a quais grupos, as quais fases da vida e as quais ocasiões correspondia um determinado modo de vestir. A combinação de fontes diferentes aumenta enormemente os conhecimentos sobre a história da indumentária e da moda. Se, por um lado, as fontes materiais são preciosas, porém muito raras, por outro, as fontes iconográficas e documentais são abundantes, assim como as fontes literárias que, apesar de numerosas, ainda são pouco exploradas. (MUZZARELLI, 2003, p. 28).

Embora tenha sido considerada à margem da pesquisa histórica durante muitos anos, atualmente a moda tem sido objeto de estudo de várias áreas do conhecimento, e as revistas e jornais são fontes que oferecem possibilidades de exploração. “A moda vai se inserindo como um “novo” e farto campo a ser explorado para reconstrução histórica de terminada época, período e modo de vida da humanidade em determinado local e tempo” (SILVA, 2009, p.17).

2 O VESTUÁRIO NOS MOMENTOS HISTÓRICOS

O vestuário na antiguidade clássica apresentava como característica elementos mais composta de alguns tecidos como fios de algodão, linho e a seda, tecidos estes que significava para muitos como padrão de vida, quanto mais alinhadas às roupas estivessem com esses tecidos e adereços, se qualificavam a distinção por status. (BRAGA, 2007).

Na idade Moderna as vestimentas femininas ganhavam incrementos em minuciosos detalhes, nas cores, nos grampeados, na renda, nas saias armadas, corpetes e recebendo sempre influências de outros lugares. Neste contexto, se encontrava concentrado no período da revolução Francesa, onde a luxúria e os exageros estavam presentes, acompanhados de outros complementos, como os acessórios e seguidas da influência das artes Barroca e rococó. (BRAGA, 2007).

A moda feminina sob o reinado de Luís XV manteve o uso da maquiagem e dos pós nos cabelos; o volume de suas roupas dificultava o caminhar. A flor foi o grande, nunca tão usada como então em vestidos e cabelos, tanto as naturais quanto as artificiais. Enquanto as saias dos vestidos estiveram bem volumosas, os seus corpetes ajustavam consideravelmente o busto e a cintura (BRAGA, 2007, p.52).

Desde o início da colonização do Brasil, o vestuário foi imposto aos indígenas pelos colonizadores portugueses que instruíram o uso de roupas segundo os seus costumes. Acredita-se que não foi uma adaptação fácil já que antes desconheciam qualquer tipo de vestimenta e tiveram que utilizar tecidos para cobrir o corpo, as pernas e os braços em um país tropical era algo inimaginável.

No entanto o percurso da moda no Brasil Colonial encontra-se ligado a coroa. Vestir-se com os lançamentos europeus que eram introduzidos no Brasil, Ostentar sua situação por meio das roupas serviam para que os fidalgos ficassem em destaque perante a minoria, ao mesmo tempo para mostrava a distinção entre os escravos e as prostitutas. O que trouxe consequências para alguns fidalgos neste período, na questão de ficarem endividados com os mercadores, pois os tecidos usados pelos os nobres seriam de valor maior, tornando uma situação de descontrole financeira. Segundo os escritos dos sermões do jesuíta Antônio Vieira, “Vieira criticava aqueles que não hesitavam antes de assumir dívidas e mais dívidas, comprometendo suas posses, apenas para apresentar-se com roupas de luxo e parecer fidalgos”. (PRIORE, 2011 p.189)

Para Del Priore (2011, p. 194) “a roupa, na sociedade do Brasil Colonial e Imperial era a configuração de uma cultura de aparência. O traje era uma prática significativa, que obedecia a um código cultural de signos, que visava à identificação visual dos seus usuários, demarcando categorias socioeconômicas”: “vestir era um ato de diferenciação”.

Os tecidos eram classificados de acordo com os status, uma senhora de classe alta vestia-se de puro tecido fino de seda, diferenciando dos tecidos grosseiros que as escravas e prostitutas vestiam-se, logo havendo assim uma distinção social e racial. O tecido no período colonial era bem valorizado, pois os mesmos eram importados, ou seja, os mais interessantes vinham de Portugal. O vestuário plagiado da Europa trazia consigo um reconhecimento nobre visto por muitos como um exagero na forma de se vestirem.

É compreensível que os tecidos fossem tão valorizados no período colonial, já que eram todos importados via Portugal e comercializados a preço altíssimos pelos mercadores, que os traziam de navio para ao Brasil. Nas primeiras décadas da colonização, a produção nacional se restringia aos algodões mais grosseiros para o uso da população em geral e dos escravos (RASPANTI, 2011, p. 192).

De acordo com Mary Del Priori, (2011, p.192) “enquanto no Brasil o algodão era no sistema de tecelagem nas casas, trabalhado pelas escravas de uma maneira lenta, chegando até mesmo faltar tecidos para venda e para o corte das roupas”. Por outro lado, na Índia, o produto algodão estava em alta, atraídos por pessoas da classe alta e cobiçados pelas mulheres. E com este desempenho e desenvoltura dos produtos industrializados da Índia, os mercadores se sobressaíam com a falta de tecidos no Brasil, ganhava dobrado vendendo esses tecidos da Índia no Brasil por preços elevados, tendo o tecido como uma peça cara e rara, onde algumas peças de tecidos se encontraram em inventários referentes como um patrimônio.

De acordo com Umberto Eco “a roupa é uma comunicação”. Vestir-se é uma ação realizada por todo ser humano. E acrescenta ainda,

a linguagem do vestuário, tal como a linguagem verbal, não serve apenas para transmitir certos significados, mediante certas formas significativas. Serve também para indicar posições ideológicas segundo os significados transmitidos e as formas significativas que foram escolhidas pra transmitir. “A roupa é uma linguagem articulada”. (ECO, 1989, p. 17).

Perante aos ensinamentos da Igreja, as pessoas deveriam usar o vestuário com o objetivo de se cobrir e não para demonstrar ostentação e vaidade. Para a sociedade brasileira a demonstração da vaidade seria uma ferramenta de grande importância para mostrar que bem aperfeiçoada e seguia a moda de acordo com as novidades europeias.

Esse exagero nas roupas deixou o Marquês de Pombal inquieto, tentou impor para que a população gastasse menos em ostentação, revendo para que voltasse a simplicidade dos tecidos grosseiros e a nacionalização no modo de vestir, sem reproduzir a roupagem europeia, pois até o clima do Brasil não seria agradável para tal moda (RASPANTI, 2011 p.195).

Ainda de acordo com Raspanti (2011, p.185) “foi um pequeno espaço de tempo que esta simplicidade durou, e tudo retornou a ser como era antes, com os inúmeros exageros no vestuário”. Seria extremamente difícil seguir este padrão de nacionalização ditada pelo o Marquês de Pombal, pois o próprio D. João VI, insistia exageradamente em seguir a moda europeia.

Nesses períodos, como se encontra em várias leituras históricas, a mulher não tinha representação no espaço público sendo restrita a presença feminina nos ambientes domésticos, a ocupação dessas mulheres, seria está apresentável em suas vestis com roupas da moda para os poucos eventos que existiam e tinham permissão de participarem. A maioria seria festas religiosas, vestiam-se de acordo com o contexto que estava situado, em um tempo em que as mulheres eram ofuscadas diante de um mundo preconceituoso e machista, onde as mulheres eram vistas como um objeto que possuíam seus destinos programados, para casar, ter filhos e serem boas donas de casa, ou seja, as mulheres não tinham decisão sobre si, e nem sobre seus corpos, decisões eram tomadas pelos pais e depois pelos seus maridos que tinham poder sobre as mesmas.

Mesmo com tamanha exibição, existia uma moda para os passeios e outra moda para ser usada quando as mulheres encontravam-se em suas casas, nas ocupações das atividades domésticas, consideradas as vestis como um camisão branco e sem corpetes, ficando á vontade. Segundo Priore, 2011 p. 198 “Era um tipo de camisola ou camisão de mangas curtas, de tecido leve e transparente, decotado”. Eram chamados de” timão” ou “lava -peixe”.

No século XVII, o vestuário feminino seguia um padrão geral, sendo uns modelos conhecidos por sua extravagância e ousadia, um tanto diferente e não combinava com o clima brasileiro. A moda feminina toda foi influenciada pelos modelos franceses, possuíam cortes no decote, saias longas com várias camadas por baixo dessas saias havia uma saia de armação de ferro para gerar volume, movimento e efeito. “A moda era o verdugadim ou verdugo, um tipo de enchimento de ferro e tecido colocado na altura dos quadris para dar volume e emprestar forma de cone ou cilindro ás saias” (PRIORE, 2001 p. 197).

Com a transição da Idade moderna para a entrada da Idade Contemporânea, foi um período de mudanças, onde as pessoas estavam insatisfeitas com o abuso de poder da coroa Francesa, onde o luxo e a fartura no reino “reinavam”. Por outro lado a população sofria, passando fome e com muita necessidade, e nesse impasse de desigualdade que resultou na Queda Bastilha, de acordo com Braga (2007, p. 55) “essa se tornou a data-marco de todo processo revolucionário”.

Com chegada do século XIX, surgiu à revolução das máquinas, ou seja, a grande revolução industrial, onde as máquinas substituíram os homens, e aos poucos as transformações eram vistas, no caso da moda feminina. Os vestidos ganharam estampas e floriram, surgiram novos cortes e modelagem, as saias de armação não faziam parte da moda feminina.

O século XIX ampliou a demanda por bens culturais no Rio de Janeiro, aumentou o mercado consumidor de instrução básica e de boas maneiras. “As modas européias invadiram as ruas e salas distintas do Rio de Janeiro com franceses e ingleses que as ocuparam. Homens e mulheres (...) renderam-se ao brilho das indumentárias vergadas nas cerimônias públicas e dias de gala” É importante destacar que se novas e diferentes mercadorias emergiam no mercado urbano, isto não significa que todos podiam consumi-las, embora pudessem observá-las, cobiçá-las, copiá-las. (OLIVEIRA, 2011, p. 4).

É o período que os higienistas começam a interferir no vestuário feminino e proíbem não apenas o uso do espartilho, como também dos vestidos que arrastavam pelo chão por levarem os miasmas da rua para casa. Com a chegada do século XX os vestidos ficaram mais curtos, na altura da panturrilha da perna, os tecidos eram mais leves e os sapatos mais confortáveis.

Já na *Belle Époque*, um pouco antes de iniciar a primeira guerra mundial, foi um período curto e marcante, tendo influência das artes, novidades arquitetônicas e com estilistas criando e inovando nos acessórios e nas roupas com característica da sociedade europeia. Houve uma grande modelagem europeizada no Brasil, foi um momento de luxo e glamour nas ruas, uma verdadeira passarela, as vitrines das lojas repletas de tendências vinda da Europa. A moda feminina destacava com grande exuberância.

Uma verdadeira febre de consumo tomou conta da cidade, toda ela voltada para a “novidade”, a “última moda” e os artigos *dernier bateau*. Na rua do Ouvidor, centro do comércio internacional sofisticado do Rio, [...] havia muita gente parada, sem poder circular. [...] Lojas atapetadas, atulhadas de fregueses, sobretudo casa de joias; a clientela diária de senhoras luxuosamente vestidas, com mais aparato do que gosto, trazia a caixeirada numa roda viva (SEVCENKO, 1995, p. 28).

A influência da moda francesa foi significativa no Brasil no final do século XIX e início do XX, as lojas apresentavam muitas novidades e as mulheres estavam desejosas de consumo. “Tecidos, roupas, modelos e todo o arsenal de apetrechos femininos e masculinos da *Belle Époque*, que se baseava na reciclagem, no hemisfério sul, dos excedentes dos estoques europeus ao fim das estações.” (SEVCENKO, 1995, p. 38). Essa questão não importava, e sim a procedência.

Nesse sentido, tem destaque às revistas, e as crônicas de Jornais que apresentam opiniões de figurinistas franceses e modelos e dicas de moda a exemplo da *Fon Fon* e tanta outra voltada ao público feminino.

A moda vinda da Europa transformava hábitos, pensamentos e costumes sociais presentes na sociedade brasileira, a cada tendência mais parecidos com o povo Frances os brasileiros gostariam de ser, isso ficou marcado na arquitetura, nas artes em forma geral, e desencadeou um movimento denominado *Belle Époque*, que se caracterizou como sendo um período onde se intensificou a influência Francesa na cultura e nos costumes do povo brasileiro, e influenciou na

mudança comportamental das mulheres, suas maneiras de pensar, de agir e de reivindicar seus direitos na sociedade Brasileira.

A moda alterou os hábitos, as vestimentas, as tradições e desenvolveu o prazer de ver e o desejo de ser visto; observar os tecidos, cortes, enfeites e os acessórios. O estilo de vida Europeu influenciou cidades como o Rio de Janeiro, por exemplo, em razão do desejo dos indivíduos de assemelharem-se àqueles que são considerados superiores, aqueles que brilham pelo prestígio e pela posição (LIPOVETSKY, 2009, p. 43).

A década de vinte está inserida em um contexto marcante na História, um período entre guerras. O cenário pós-Primeira Guerra Mundial, era devastador. A guerra trouxe destruição e com isto, a sociedade precisava se reconstruir e inovar.

O cotidiano da mulher pode ser um dos exemplos de inovação da sociedade, pois se até o período da Guerra, o papel da mulher era voltado para ser dona de casa, esposa e mãe. Coelho (1995). Durante este conflito e a presença dos homens no combate, levou as mulheres a ocuparem espaços que antes eram ocupados pelos homens e a realizarem seus trabalhos o que apesar de ter diminuído com o fim da Guerra não levou todas as mulheres de volta ao lar.

A mudança da moda no vestuário feminino se fez necessário para melhorar o movimento que o trabalho exigia, nessa nova fase onde a mulher encontrava-se inserida como figura de mulher ativa. Com as mudanças comportamentais, como fazer trabalhos braçais ou intelectuais, fazia-se necessárias roupas confortáveis e com facilidade para o uso. “Diante desse cenário devastador, onde a esperança parece se desvanecer, a Europa viveu um período de intensa criatividade no mundo da moda. Muitos estilos revolucionários nasceram desse panorama crítico”. (BATISTA, 2014)

No século XX o mundo passava por mudanças culturais, sociais e comportamentais, as mulheres lutavam por espaço e voz em meio às camadas sociais, influenciadas pelas correntes do feminismo e logo se espalhava pelo mundo, buscavam expressar seus pensamentos e teorias por meio da literatura, das artes e também da moda, com tendências que buscavam a liberdade caracterizada por roupas com tecidos mais leves, os cortes mais profundos, cabelos mais curto e a maquiagem mais forte e marcante. Neste período as tendências eram ditadas pelos lançamentos na França, grandes nomes se destacaram como estilistas durante o século XX por revolucionar e influenciar o estilo das mulheres não só na França como também no mundo inteiro.

3 MODA, COMPORTAMENTO E MUDANÇAS

A partir das entrelinhas do vestuário buscamos evidenciar a mudança das tendências e como ela repercute no comportamento e na vida das mulheres brasileiras a partir das transformações e tendo como fontes a Revista *Fon Fon*. A revista *Fon Fon* representou bem essas mudanças da moda e do comportamento feminino na década de dez e também de vinte. Circulou entre o ano de 1907 a 1945.

Figura 1 - Anúncio de um Atelie na Rua Uruguay.



Fonte: Biblioteca Nacional, *Fon Fon*. Edição 1 p. 36, 1908.

Observando esta imagem de número 1, antes da década de dez, demonstra os exageros na moda feminina. Nesta figura representa um anúncio de uma loja, sobre vendas de tecidos luxuosos, porém nessa época os tecidos eram valorizados e havia uma distinção por status e as mulheres não tinham ainda uma certa liberdade e não podiam mostrar os pés. “Com tão poucas chances de exibir seus encantos, não é de estranhar que as mulheres caprichassem tanto quando saíam de casa ou mesmo que se vestissem com luxo para espiar pelas janelas o movimento de fora”. (PRIORE, 2011 p.197).

O anos dez destacavam-se nos exagros das roupas, na postura na qual a mulher teria que andar, sentar e pela a forma como o corpo teria que ficar coma ajuda dos espartilhos.

Figura 2 - A fase da Belle Époque vestidos e chapéus de luxos



Fonte: Biblioteca Nacional, Fon Fon. Edição 10, p.1, 1915.

O período da *Belle Époque* ocorreu na transição do final do século XIX para o início do XX, de acordo com Braga (2007), “começou o hábito de prática esportiva”. “O período que antecedeu á Primeira Guerra Mundial, o da *Belle Époque*, foi de muita sofisticação, luxo e de extrema alegria de viver”. (BRAGA, 2007). A rua transformou-se em uma passarela, buscavam uma civilização europeizada no Brasil. Segundo Sevcenko (1999) por trás dessas recriminações, estava o anseio de reservar a porção mais central da cidade, ao redor da nova avenida, para a ‘concorrência elegante e chic’, ou pelo menos modelar por esse padrão todos ou tudo que por ali passasse ou se instalasse.

Figura 3 - A mulher vestida com roupas masculinizada



Fonte: Biblioteca Nacional, Fon Fon. Edição 12, p. 1, 1911.

A imagem de número três mostra a moda no início dos anos 1910, roupa estilo masculinizada, feita em tecido leve, com o objetivo de oferecer conforto para a mulher facilitar seus movimentos na prática profissionais. Segundo Braga (2007, p. 70) “a necessidade de trabalhar fez com que a mulher não pudesse mais se apertar em rígidas formas”. Devido à ausência dos maridos, as mulheres passaram a fazer o papel deles no trabalho, por isso houve essa necessidade de mudanças.

Figura 4 - A mulher com roupas e chapéus exagerados para um lanche da tarde.



Fonte: Biblioteca Nacional, Fon Fon. Edição 48, p.10, 1910.

Nesta imagem de número 4, mostra a capa da revista Fon Fon no ano de 1910. Percebemos de imediato que as mudanças e o comportamento que a mulher estava vivenciando impõem nitidamente sua liberdade de decisão estimulando o foco aos olhares dos organizadores da revista, interessados em divulgar essas mudanças através da moda e do comportamento, a mulher do lar estava dando lugar a uma mulher independente, atraente e seguindo a moda luxuosa.

A partir deste momento, a mulher começa com sua emancipação, devido à guerra, onde seus companheiros seriam obrigados a participarem, as mulheres entravam em uma nova fase. “As atividades do trabalho, o esporte e o divertimento, especialmente a dança, contribuiram para cada vez mais as roupas irem se adaptando as novas necessidades e isso se traduziu na continuidade do encurtamento das saias”. (Braga 2007, p.71).

Figura 5 - Movimento sufragista



Fonte: Biblioteca Nacional, Fon Fon, Edição 20 p. 01, 1914.

As mulheres em plena mudança de comportamento em vários aspectos, lutando por mudanças políticas, espaços e reconhecimento, sendo na maneira de vestir como nas suas atitudes. A imagem de número três, retirada da revista *Fon Fon*, um periódico de grande circulação da época que mostra vários registros da mulher saindo das regras machistas e em cada modificação comportamental além da moda inserida. O feminismo faz parte daquele grupo de “novos movimentos sociais” (HALL, 2006 p.44). Os movimentos sociais se encontravam presente nas questões sociais que também estavam relacionados na moda com o intuito de melhorar os direitos das mulheres.

Essa imagem é uma representação sobre a marcha das sufragistas, seria um grupo de mulheres estilosas e na moda, realizando o movimento para ter o direito de poder votar. As mulheres eram submissas sempre ao pai ou marido, essas lutas foram de cunho importante na História.

Figura 6 – Traje de banho no mar



Fonte: Biblioteca Nacional, Fon Fon . Edição 10 p.1 1913.

Na imagem cinco esta uma mulher vestida em traje de banho, porém essa seria uma nova forma de divertimento e novidade com as roupas de banho, uma nova forma de comportamento, as mulheres nesta década começaram a surgir em espaços públicos. Segundo Priore (2006, p.255) “o corpo ia ficando mais à vontade com a moda dos esportes e da natação. Não se economizavam elegâncias esportivas de beira-mar”.

Até então essa prática era quase somente terapêutica e não de lazer. Entretanto, foi sendo assimilada de uma maneira tal que se tornou um hábito. A roupa de banho de mar era muito diferente da que se usa hoje em dia. Em primeiro lugar, era de malha, normalmente em fios de lã que cobriam o tronco e as pernas até os joelhos, e além do uso de meias e sapatos, por cima de tudo, frequentemente ainda havia uma capa para maior proteção. (BRAGA, 2007, p.68).

A moda da roupa de banho de mar, foi se adaptando de acordo com as mudanças de conceito do banho do mar, porém, antes o banho serviria para tratamentos terapêuticos, e com o tempo e os estudos, analisados concluíram que o banho de mar também seria uma forma de lazer.

Figura 7 - Anúncio de vendas de espartilhos



Fonte: Biblioteca Nacional, Fon. Fon. Edição: 06, 1910, p.34.

O ideal de beleza da mulher era o de ter aproximadamente 40 cm de circunferência na cintura; para atingir tais proporções, algumas delas se submetiam às cirurgias para serrarem suas respectivas costelas flutuantes e poderem-se apertar demasiadamente em seus espartilhos. (BRAGA, 2007, p.66).

O espartilho era uma peça fundamental na vida das mulheres, uma peça feminina que mostrava a mulher mais sensual, porém houve no século XIX, a reforma dos espartilhos, onde os discursos dos médicos seria o abandono dos espartilhos, pois os mesmos estavam prejudicando a

saúde da mulher em vários órgãos, porém muitas mulheres para seguir os padrões já impostos pela moda do período, as mesmas fizeram de tudo para ficar com a cintura afinada. “Ao fim da Primeira Guerra, as chamadas “exuberâncias adiposas” passam a ser contido, não mais pelo terrível espartilho, causador de danos irreparáveis, mas pela cinta elástica.” (PRIORE, 2006, p.258). “Os espartilhos não foram abandonados, mas foram substituídos por materiais mais flexíveis”.

O dissimulado instrumento de tortura feito de pano forte e varetas de barbatana de baleia, tão rígidas a ponto de sacrificar o fígado e os rins, mudara. Era, agora, feito de varetas flexíveis de aço. A partir de 1918, ele começa a ser substituído pelo “corpinho”. Se os primeiros salientavam os seios como pomos redondos, o corpinho deixavam-nos mais livres e achatados. (PRIORE, 2006, p.257).

Figura 8: Anúncio de venda de Collete



Fonte: Biblioteca Nacional, Fon Fon.. Edição: 06, 1911, p.34

Os espartilhos foram substituídos pela ginástica. Segundo Edna Maria Nóbrega (2008, p. 28), “No Brasil, a mulher começou a se dedicar aos esportes no início da República momentos em que as cidades ganhavam ares cosmopolitas, coincidindo com a ampliação dos discursos médicos-higienistas que associavam exercícios e saúde”. As mulheres foram tornando-se adeptas às práticas de se exercitar e com isso o corpo seria modelado passando assim a ficar com a silhueta mais fina sem a presença dos espartilhos. A década de dez ficou destacada com a retirada dos espartilhos e a diminuição das saias. Dessa maneira as mulheres se sentiram de certa forma desprendidas para a liberdade e escolher sua vida profissional.

O século XIX para o XX foi marcado por momentos de transformações e conquistas. O mundo se encontrava em momento de transição, seja na modernidade como também na política, mudanças comportamentais e na estrutura visível das cidades, a higienização passou a ser prática continua e o esporte tornou-se associado na questão da saúde. O período de guerra e pós-guerra, de certo modo, foi um impulso para as mulheres fazerem determinados trabalhos onde só homens faziam, porém como alguns homens tinham saído para a guerra, restavam os serviços para as mulheres.

Figura 9 – Os vestidos e saias encurtando e os chapéus menos exagerados



Fonte: Biblioteca Nacional Fon. Fon. Edição 09 p.1, 1920.

A mulher dos anos 1920 se torna também mais atlética e começa a bronzear-se e fazer dieta, pela primeira vez no século (...). Os comprimentos sobem mais e chegam à altura dos joelhos, e é a primeira vez na história ocidental que as pernas femininas podem ser vistas em público. Os vestidos chacoalham ao som do charleston e do jazz. As mais ousadas aproveitam a chance e começam a usar roupas de homem, fumando em público e reivindicando o direito de votar. (PALOMINO, 2013, p.55).

Nesta imagem da capa da revista *Fon Fon* mostra a moda que prospera na mulher com vestidos mais curtos, mostrando as meias, os sapatos confortáveis, uso de pouco tecidos e acessórios, sem exageros e com roupas acessíveis para o clima. A maquiagem encontrava-se presente, olhos marcados, batons vermelhos para dar um efeito causativo. O chapéu estava em alta nesse momento, porém um chapéu simples com poucos enfeites. O corte de cabelo era a moda a *La Garçonne*, inspirada nas divas francesas.

A década de vinte apresenta-se como sendo o ano das mudanças, onde surgiram às transformações femininas e aos poucos as mulheres foram se impondo, trabalhando em revistas,

escrevendo artigos com suas próprias opiniões, expressando suas atitudes, algumas conseguindo tornar-se protagonista da sua vida.

O que faz a diferença é cada vez menos a elegância formal e cada vez mais as desempenho técnicas, a qualidade dos materiais, o conforto, a sofisticação dos equipamentos; o estilo não é mais privilégio do luxo, todos os produtos são doravante repensados dos tendo em vista uma aparência sedutora, a oposição modelo/série turvou-se, perdeu o seu caráter hierárquico atentatório. (LIPOVETSKY, 2005, p.189).

Figura 10 - Anúncios de venda de chapéu da loja O Barateiro.



Fonte: Biblioteca Nacional. Fon. Fon. Edição 31 p.51 1922.

A nova moda de utilizar o chapéu surgiu com intensidade na década de vinte, devia uma grande estilista do tempo, a Gabrielle Coco Chanel, que transformou a moda feminina revolucionando a cada lançamento, a mesma tanto ousou nos chapéus com estilos mais discreto diferentes cores, tamanho e modelos. O chapéu era um acessório muito usado e elegante para qualquer eventualidade. Ela também inovou nas roupas como *blaiser* para as mulheres.

Um nome da moda, que inicialmente trabalhava com chapéus, começou cada vez mais a sobressair no campo do vestuário. Foi Gabrielle Coco Chanel, que, em 1916, inovou consideravelmente ao fazer *tailleurs de jérsei*, ou seja, uma malha de toque macio e sedoso e com aspecto elástico. Daí em diante, seu nome só veio dar à moda o que poderíamos realmente chamar de estilo, ou seja, mais do que somente característica de moda. Com o passar da década, Chanel consolidou-se no setor e tornou-se o nome mais importante de toda a moda do século XX. (BRAGA, 2007, p.71).

Figura 11 – Vestido curto e justo no corpo



Fonte: Biblioteca Nacional. Edição 14 p.1, 1926.

Nessas mudanças, os tecidos se tornam mais leves e a roupa apresentando a modelagem do próprio corpo, diferente da década de dez, onde o espartilho demonstravam as curvas. Pontua Priore (2006, p.257) “A revolução dos costumes começou a subir as saias e essas brigavam com as botinhas de cano alto que, por sua vez, procuravam cobrir o pedaço da canela exposta. A cintura de vespa, herdada do século anterior, continuava aprisionada em espartilhos. Esses, contudo, tinham melhorado”.

O surgimento de novidades femininas começaram a chegar da Europa para o Brasil através da mídia da época, os produtos industrializados que se espalharam e ganharam confiança nas mulheres que tinham o desejo de ficarem mais belas, desejos estes, influenciados através das atrizes que passavam na tela do cinema, na maneira como as mulheres se vestiam seria diferente, suspenderam os espartilhos e se descobriram um pouco.

Um novo padrão de como se vestir tornou-se uma nova tendência na moda tomando a frente e fazendo com que as mulheres percebessem como elas poderiam ser mais, ou seja, serem mais belas e elegantes, tornando-se sensuais, expondo-se, não apenas algumas partes do corpo, mas também sua intelectualidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do presente trabalho percebe-se a mudança da moda que foram retratados pelas diferentes imagens pesquisadas na Revista *Fon Fon* onde se pode perceber a ousadia de mudanças nos cortes, na leveza dos tecidos, na liberdade com o fim do espartilho, do uso do batom vermelho, dos cortes de cabelos diferenciados, a roupa de banho, etc. A moda deu ao público feminino vez e coragem para mudar seu comportamento diante de um mundo machista onde os homens ditavam as ordens. O século XX foi um período marcado por transformações políticas, sociais e tecnológicas e foi exatamente em meio às transformações que ocorreu mudanças no vestuário feminino e na vida das mulheres.

Em oposição ao mundo moral e politicamente opressor para as mulheres, o vestuário representou um terreno fértil para alardear a personalidade feminina: seus desejos, emoções, inseguranças e certezas. As roupas e acessórios eram os mais importantes instrumentos na arte da sedução. Lenços, leques, bolsas, chapéus, espartilhos, broches, xales, enfeites de cabelo, decotes, eram códigos de uma complexa linguagem, cuja importância no universo feminino era incalculável, numa época em que para as mulheres, pelo menos em tese, era reservado somente o direito do silêncio. Era comum nesse período, muitos escritores literários descreveram com riqueza os elementos usados como adorno, para caracterizar com detalhes seus personagens. De modo a nos proporcionar um vislumbamento do vestuário feminino. (SILVA, 2009, p. 99).

As mudanças que aconteceram foram significativas para as mulheres: encurtamento das saias, uso dos trajes masculinos, fim do uso dos espartilhos e das anáguas crinolinas, diminuição dos trajes de banho, mudanças nos tipos e cores dos tecidos, no tamanho dos cabelos, no estilo dos chapéus, etc.

É importante destacar que a moda descrita na Revista *Fon Fon* era voltada para as mulheres da elite. As Revistas não eram acessíveis como hoje e os modelos/tecidos também não eram. A população mais pobre não seguia à moda de Paris.

Por fim, o trabalho cumpre com seus objetivos propostos deixando espaço para outras realizações e aprofundamento acerca da problemática exposto pelo presente estudo.

ABSTRACT

THE FASHION AND THE FON FON MAGAZINE: REPERCUSSION IN THE LIFE OF
WOMEN BETWEEN THE YEARS OF 1910 AND 1920

Over time, fashion has become more prominent and has become a tool of transformation in society, especially in the female universe, from a mere habitual attitude of "dressing" to becoming a channel of influence and inspiration in female behavior. Behavior changes and changes, social advances and various trends that influenced female behavior emerged at the beginning of the twentieth century, one of the main channels of influence was certainly fashion, which brought with it mechanisms of change, modern ideas, bold trends for the time and prompted courage in the female audience. Thus, the present work aims to verify and identify how fashion influenced and transformed habits and their changes through time and in female behavior. A survey was carried out in Fon Fon Magazine in the 1910s and 1920s showing the changes in fashion in Brazil, with emphasis on French influence. Bibliographic research was important for understanding about fashion. Among the authors discussed we can find: Silva, Mosque, Braga, Lipovetsky, Del Priore, Galvão, etc.

Keyword: Fashion; Female behavior; Transformation.

REFERÊNCIA

ALMEIDA, José Adilson de Almeida. **Moda e Conhecimento**: interface acadêmica da moda. São Paulo: UNIP/ FAFESP, 2005.

ARAÚJO, Edna Maria Nóbrega. “**Espelho meu, agora a mais bela sou eu**”: Cartografias da história da beleza no Brasil. Recife: 2008.

BRAGA, João. **História da moda**/João Braga. – São Paulo: Anhembi Morumbi, 2007.

BATISTA, Cristina Peixoto. **Mulheres em tempo de guerra**: análise do comportamento e da moda nos anos 20 e 50. Disponível em. Acesso em 15 Fev.2014.

COELHO, Maria José de Souza. **Moda um enfoque psicanalítico**. Rio de Janeiro: Diadorim LTDA, 1995.

ECO, Humberto. O hábito fala pelo monge In: ECO, Umberto (Org.). **Psicologia do Vestir**. 3ed. Lisboa: Assírio e Alvin, 1989.

GALVÃO, Diana. “A internet Fashion: um passeio pela estética digital”. In: CASTILHO, Kathia; VILLAÇA, Nízia. (org) **Plugados na Moda**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. São Paulo: DP&A, 2006.

LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceiramulher**: Permanência e revolução do feminino. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LIPOVETSKY, Gilles; ROUX, Elyette. **O luxo eterno**: da idade do sagrado ao tempo das marcas. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MESQUITA, Cristiane. **Moda Contemporânea**; quatro ou cinco conexões possíveis/ Cristiane Mesquita. - São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004.

MUZZARELLI, Maria Giupeppina. Um outro par de mangas. In: SORCINELLI, Paolo (org.). **Estudar a moda: corpos, vestuários, estratégias**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. “Narrativas de civilidade: o discurso médico-higienista nos manuais pedagógicos do Segundo Império” **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**, São Paulo: julho 2011.

PALOMINO, Erika. **A Moda**. 4 ed. São Paulo: Publifolha, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PRIORE, Mary Del. **História do corpo no Brasil**. (org.). São Paulo: UNESP, 2011.

PRIORE, Mary Del. **História do amor no Brasil**. 2. ed. São Paulo : Contexto, 2006.

RASPANTI, Márcia Pinna. “Vestindo o corpo: breve história da indumentária e da moda no Brasil, desde os primórdios da colonização ao final do Império”. In: PRIORE, Mary Del. **História do corpo no Brasil**. (org.). São Paulo: UNESP, 2011.

REVISTA Fon Fon. Empresa Fon. fon. e Seleta. Rio de Janeiro: 1907/1958. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: abr.2015.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVA, Ana Cristiane da. **O vestuário como elemento constituinte da identidade das mulheres de elite na Bahia (1890-1920)** – a partir da análise da coleção do museu Henriqueta Catharino em Salvador-Ba. Universidade Estadual de Feira de Santana (Dissertação de Mestrado em História) Feira de Santana: 2009.